



Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas
Faculdade de Administração e Ciências Contábeis
Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação



Tatiana D’Almeida Rodrigues

Manifestações sociais brasileiras e suas articulações entre memória e identidade

Rio de Janeiro

2013

Tatiana D’Almeida Rodrigues

Manifestações sociais brasileiras e suas articulações entre memória e identidade

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação (CBG/FACC), da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito para a obtenção do Grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Jose Barbosa de Oliveira

Rio de Janeiro

2013

R696m Rodrigues, Tatiana D’Almeida.

Manifestações sociais brasileiras e suas articulações entre memória e identidade. / Tatiana D’Almeida Rodrigues. – 2013.

41 f: il.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação.

Orientação: Prof. Dr. Antonio Jose Barbosa de Oliveira.

1. Manifestações sociais brasileiras 2013. 2. Memória. 3. Identidade. 4. Enunciado. 5. Movimentos sociais. I. Oliveira, Antonio Jose Barbosa de. II. Título.

CDD: 303.4840981

CDU: 323.2(81)

Tatiana D’Almeida Rodrigues

Manifestações sociais brasileiras e suas articulações entre memória e identidade

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação (CBG/FACC), da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito para a obtenção do Grau de Bacharel em Biblioteconomia.

BANCA EXAMINADORA

Aprovado em:

Prof. Antonio Jose Barbosa de Oliveira (Orientador)
Doutor em Memória Social
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Luciano Rodrigues de Souza Coutinho
Doutor em Serviço Social
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Nilo Sergio Silva Gomes
Doutor em Comunicação Social
Universidade Federal do Rio de Janeiro

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Rose e Moisés, porque independente de qualquer coisa, durante grande parte do tempo, proveram todas as minhas necessidades básicas, acreditaram e investiram em mim e me amaram. É clichê, mas, se não fosse por vocês, eu não teria conseguido.

À minha família do coração, Tia Maria, Tio Zaquel, Claudia, Paula e Alex, que sempre, sempre, sempre estiveram ao meu lado, incondicionalmente, para o que desse e viesse. Que acolheram minhas inúmeras lágrimas, que me abraçaram no momento certo, que sempre me deram o suporte emocional que eu precisei. Sei que será sempre assim. Eu amo muito vocês!

Às minhas tias, Eny e Tânia, por terem sido sempre presentes em minha vida e também por terem feito sempre mais do que poderiam pra me ajudar de uma forma ou de outra, mesmo quando a ajuda era apenas o silêncio ou o olhar amoroso.

À Julia e Pedro, minhas crianças lindas que alegraram e alegam minha vida. Que compreenderam, embora contrariados às vezes, os momentos em que eu tinha que ficar sozinha estudando e não podia brincar com eles. “Esse trabalho não acaba nunca, Tati!”. Vocês são o colorido da minha vida!

À Ale, que entrou na minha vida da maneira mais conturbada possível e que se tornou minha amiga, minha companheira, meu amor. Foi a pessoa que tomou para si todas as funções que me foram negadas, todo o afeto que foi perdido em outras esferas. Agradeço pela incrível paciência (!!!), pelo companheirismo, pelos slides, por toda ajuda acadêmica, por sua esperteza e simplicidade de viver e por todo amor que dedica a mim. Eu amo você.

À Família Rosalba, Tia Ana, Byanca, Gabriel e Juliana, que mesmo sem me conhecer direito me recebeu com carinho e fez com que eu me sentisse acolhida familiarmente.

Aos queridos amigos, Amanda, Dudu, Monique e Sylvia, simplesmente por serem próximos a mim. Por terem permanecido durante todo esse tempo, pela paciência, por todo o carinho e aprendizado. Ter convivido com vocês mudou a minha vida, me trouxe novos olhares, me fez ser mais gente. Vocês certamente são o melhor que a UFRJ me deu.

Ao “grupo de trás”, Kamilla, Andressa R., Mariana e Andressa T., por terem “agregado valor” ao círculo de amizade e construir conosco a tão querida e amada *Palestina*.

Ao meu professor e orientador, Antonio, por todos os valores que me foram passados, por todo o aprendizado, por ter acreditado no meu potencial, pelas dicas, aparos e paciência. Quando eu crescer quero ser igual a você!

Aos professores Nilo, Amoedo, Mariza e Marina, por terem ensinado muito mais do que simples professores ensinariam. Pela excelência do ensino, por terem contribuído muito para o meu crescimento não só profissional como também pessoal.

À Adriana e Thalita, por terem ido muito além de seus papéis hierárquicos. Por terem me transmitido ensinamentos e valores profissionais e pessoais. Por terem me acolhido com tanto carinho, pela compreensão de sempre e sempre, e pela paciência em esperar eu “me mostrar”.

Também à *Tribo* tão querida (Camila, Lud, Alessandra, Tamara, Luiz Otávio, France, Renan, Diogo, Glauber, Iron e Michel), que participou da minha vida no ano que antecedeu meu ingresso na faculdade, que me recebeu e fez com que eu me sentisse parte de um grupão de pessoas inteligentes e engraçadas, que tornou feliz meu ano de prestar vestibular que tinha tudo pra ser um inferno. Vocês não imaginam a injeção de ânimo que me deram durante aquele ano e que estivemos tão próximos. Adoro vocês de coração!

Finalmente, à UFRJ, que me transformou em uma pessoa melhor. Que me tornou uma profissional, que me deu amigos, que me deu um amor. Agradeço pelo contato que tive com outras culturas, outras identidades, e que ajudaram a formular o que sou.

Eu sou um pouco de cada um de vocês, de cada lugar onde estive. De cada sorriso e cada lágrima, de cada abraço. Vocês são as partículas que compõem meu todo.

Agradeço de todo o coração.

*“Nós derrubamos o muro do medo
Vc derrubou o muro de nossa casa
Nós vamos reconstruir nossos lares
Mas vc nunca vai erguer aquele muro do medo”*

Tuíte de @souriastiring (Raiwa Alhoussaini)

RESUMO

RODRIGUES, Tatiana D’Almeida. **Manifestações sociais brasileiras e suas articulações entre memória e identidade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013. 41 f.

Na sociedade contemporânea multicultural o sujeito é afetado a todo o tempo por questões culturais das mais diversas, havendo inevitavelmente uma interpenetração entre estas culturas. Nos movimentos sociais existem, embora em certos momentos elas compactuem apenas uma cultura dominante, vários tipos diferentes de subculturas, o que faz com que o sujeito participante ora apresente determinadas características de uma identidade, ora de outra. Além desta questão identitária, outro aspecto nitidamente recorrente nos movimentos sociais é atualização ou transformação de uma memória já existente e de lugares de memória, ajudando, inclusive, o sujeito em seus processos de identidade. Neste ano de 2013, no Brasil, muitas manifestações sociais estão ocorrendo, tornando assim necessários estudos e análises que tratem especificamente destes movimentos. Desta maneira, a presente pesquisa tem por objetivo analisar como a memória e a identidade se fazem presentes nestas manifestações sociais, investigando suas relações com a história e com o discurso e a linguagem, objetivando-se, especificamente, identificar como se dá o fenômeno da identidade entre os jovens envolvidos e como a memória – individual e/ou coletiva – está presente neste contexto, a partir de uma vasta gama de conteúdos informacionais. A metodologia utilizada para o alcance dos objetivos propostos é a abordagem qualitativa, sendo os objetos de investigação as imagens produzidas durante as manifestações, à luz da teoria de Bakhtin, sobretudo quando o mesmo afirma que todo enunciado está envolto de ideologias. A coleta de dados se dará por meio da pesquisa exploratória, e a análise destes dados a partir dos conceitos mencionados. A partir das análises e dos resultados, pode-se observar que os sujeitos participantes das manifestações se valem inúmeras vezes dos elementos e atributos da memória de forma a validar seus discursos, apoiando-os em discursos anteriores. Verificou-se ainda que as relações dialógicas somente se dão quando há, por parte do receptor do enunciado, uma rede de memórias prontas a entrarem em cena a partir da vivência de situações semelhantes àquelas. Por fim, foi visto que no interior das manifestações sociais os sujeitos vivem a todo o tempo com suas identidades em xeque, passando por várias transformações identitárias até se reconhecerem, de fato, a própria face.

Palavras-chave: Manifestações sociais brasileiras 2013. Memória. Identidade. Linguagem. Movimentos sociais.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1 – Contra o aumento das passagens.
- Figura 2 – Apoio internacional às manifestações.
- Figura 3 – Ocupa Câmara Rio.
- Figura 4 – Ocupa Cabral.
- Figura 5 – Baile de máscaras.
- Figura 6 – Indignação contra a mídia.
- Figura 7 – Indignação contra a mídia II.
- Figura 8 – Fora Feliciano.
- Figura 9 – Não à cura gay.
- Figura 10 – Abaixo ao estatuto do nascituro.
- Figura 11 – Não somos filhos, somos pais.
- Figura 12 – 1968 e 2013.
- Figura 13 – O povo unido, sem partido.
- Figura 14 – Poder para o povo.
- Figura 15 – Sem partido.
- Figura 16 – V de Vingança.
- Figura 17 – V de vinagre.
- Figura 18 – Drummond manifestante.
- Figura 19 – Caetano Black Bloc.
- Figura 20 – Mudando o Brasil.
- Figura 21 – Mais saúde e educação.
- Figura 22 – Escolas em troca do Maracanã.
- Figura 23 – Hospitais padrão FIFA.
- Figura 24 – Onde está Amarildo?
- Figura 25 – Estudante Edson morto.
- Figura 26 – Repressão da PM.
- Figura 27 – Repressão da PM II.
- Figura 28 – Fora Cabral, poder popular.
- Figura 29 – Abaixo a ditadura, o povo no poder.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	METODOLOGIA.....	11
3	REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
3.1	Cultura e identidade.....	13
3.2	Memória individual e coletiva.....	14
3.3	Enunciados e linguagem.....	16
3.4	Movimentos sociais.....	19
<i>3.4.1</i>	<i>Passeata dos Cem Mil e as marcas da memória.....</i>	<i>22</i>
<i>3.4.2</i>	<i>Manifestações sociais brasileiras de 2013.....</i>	<i>23</i>
4	ANÁLISES E RESULTADOS.....	29
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
	REFERÊNCIAS.....	40

1 INTRODUÇÃO

Os movimentos sociais são um tipo de resposta da população à algo que está caminhando muito contrariamente aos seus desejos e reivindicações.

O sujeito inserido neste contexto está em constante processo de desconstrução e reconstrução, buscando se construir. Suas verdades, conceitos e perspectivas mudam, a ótica situacional e relacional está em constante movimentação e por isso sua identidade se apresenta de uma maneira mais flutuante do que nunca.

Tomado por este sentimento e contexto ele passa, inevitavelmente, a ter contato com diversos grupos que formam uma coletividade; estes grupos não necessariamente compartilham dos mesmos padrões de uma cultura dominante. Conforme afirma Bastide (1960 apud CUCHE, 2002), são os sujeitos que entram em contato uns com os outros e não as culturas, porém este sujeito pertence a grupos sociais, ou seja, na verdade as culturas entram em contato porém não elas por elas mesmas e sim por meio de seus indivíduos. Pessoas evocam a todo o tempo conceitos, acontecimentos, exemplos, marcas de um tempo passado onde, na maioria das vezes, nem elas próprias estavam presentes, retomando assim símbolos, significações etc., como afirma Herkovits (1948 apud CUCHE, 2002) ao abordar o conceito de “reinterpretação”, dizendo que antigas significações são atribuídas a elementos novos ou novos valores mudam a significação cultural de formas antigas.

Recentemente o Brasil tem sido cenário de diversas manifestações sociais que estão ocorrendo por toda parte em seu território, principalmente nas capitais dos grandes centros urbanos e proximidades, e estas questões de identidade, encontros entre culturas e retomada de elementos e significações da história vem se apresentando como fatos recorrentes nestes encontros.

Uma série de redes de memórias são reavivadas e atualizadas nestas manifestações, sendo algumas passíveis de reinterpretação a partir do contexto atual, como por exemplo, memórias evocadas em nome da liberdade, da moral, da religião, da concepção de democracia, da filiação partidária, dentre outras.

Estas manifestações são acúmulos e desgastes sociais e principalmente políticos, que tiveram como estopim o aumento nas tarifas do transporte público, que é absolutamente precário e envolto de uma série de acusações e dúvidas sobre sua transparência e legitimidade. Tendo ocorrido o estouro das manifestações, outras questões rapidamente se elucidaram entre os

sujeitos protagonistas do movimento, como: modos de governo (questões parlamentares, pouca ou nenhuma participação do povo nas medidas tomadas), corrupção desmedida e escancarada, abusos de poder e de religiosidade, precariedade dos serviços públicos, gastos excessivos com eventos internacionais, entre outras coisas, que acabam por deteriorar cada vez mais a população e seus modos de (sobre) vida.

Assim, a relevância do presente trabalho se dá, principalmente, pela atualidade dos referidos acontecimentos e necessidade de estudos que tratem especificamente sobre estas manifestações brasileiras, de modo a elucidar as relações entre tais manifestações e o sujeito nelas inserido, embutidos de suas culturas e identidades.

Desta maneira, o objetivo deste trabalho é analisar como a memória e a identidade se fazem presentes nos movimentos sociais, investigando suas relações com a história e com o discurso e linguagem tomando como base as manifestações sociais ocorridas no Brasil em junho e julho de 2013. Objetiva-se, especificamente, identificar como se dá o fenômeno da identidade entre os jovens envolvidos e analisar a presença da memória – individual e/ou coletiva – neste contexto, a partir de uma vasta gama de conteúdos informacionais.

Pretende-se, para isto, se utilizar da abordagem qualitativa, tendo como objeto de investigação as imagens produzidas durante as manifestações, sendo a coleta de dados por meio da pesquisa exploratória e a análise destes dados à luz dos conceitos de Bakhtin de enunciado e dialogismo.

Além desta introdução, o trabalho é composto por uma revisão de literatura abrangendo os conteúdos inseridos nesta pesquisa – identidade, memória, discurso e linguagem e movimentos sociais –, metodologia a ser utilizada, análise e resultados e considerações finais acerca desta pesquisa.

2 METODOLOGIA

Este trabalho teve uma abordagem qualitativa que, dentre outras características, “[...] busca significados em contextos social e culturalmente específicos, porém com a possibilidade de generalização teórica” (TERENCE; ESCRIVÃO FILHO, 2006).

Teve como objeto de estudo imagens das manifestações sociais brasileiras ocorridas em 2013. Optou-se por escolher as imagens não pelo local onde ocorreram as manifestações, mas sim pelo seu conteúdo, de maneira a elucidar a homogeneidade das mesmas.

Como instrumento para a coleta de dados foi usada a pesquisa bibliográfica, que abrange toda bibliografia já tornada pública como em jornais, revistas e livros (MARCONI; LAKATOS, 2003). Como fontes bibliográficas foram usados jornais e revistas on-line e páginas no facebook.

Foram coletados, para análise, 22 figuras que melhor retrataram as manifestações do ponto de vista aqui estudado.

Após a coleta dos dados, foi realizada a interpretação do material por meio de conceitos de enunciado, dialogismo e ideologia à luz de Bakhtin (2006), afim de produzir sentidos para interpretação.

A linguagem vai além do texto e traz sentidos pré-construídos, que são ecos da memória do dizer, ou seja, memória coletiva constituída socialmente (CAREGNATO, 2006). Além disso, a articulação linguística é estudada também como forma de expressão da ideologia (MELO, 2005 apud CAREGNATO, 2006).

Baktin (2006) afirma, que todo discurso está revertido de um caráter ideológico, conforme foi visto no referencial teórico. Baseados nos conceitos deste autor, basicamente, é que as análises serão feitas; conceitos estes de ideologia, enunciação e dialogismo.

É importante, ainda, frisar que o enunciado não diz tudo, devendo o analista buscar os efeitos dos sentidos e, para isso, precisa sair do enunciado e chegar ao enunciável através da interpretação (CAREGNATO, 2006).

É preciso atentar para o fato de que, apesar de toda esta esquematização de pesquisa, é preciso ter consciência de que toda técnica de coleta de dados tem sua limitação. Essas limitações são desvantagens que podem ser superadas ou não (MARCONI; LAKATOS, 2003).

A interpretação sempre é passível de equívoco, pois embora ela pareça ser clara, na realidade existem muitas e diferentes definições, sendo que os sentidos não são tão evidentes como parecem ser (FERREIRA, 2001 apud CAREGNATO, 2006).

A análise das imagens, entendidas aqui como formas de enunciações, será feita com base nos conceitos de enunciado, ideologia e dialogismo propostos por Bakhtin (2006).

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Para fundamentar o trabalho, o referencial teórico abordará questões sobre cultura e identidade, memória, discursos e suas relações com movimentos sociais, tomando como estudo de análise e comparação a Passeata dos Cem Mil e as Manifestações sociais brasileiras ocorridas em 2013.

3.1 Cultura e identidade

O homem simbologiza, ou seja, atribui sentido a uma coisa, objeto, som, cor, etc. e deste processo surge o símbolo e seu significado, que é a base da cultura, que por sua vez constrói, desconstrói e reconstrói as identidades (WHITE, 1972).

Mais de uma cultura pode existir em uma única sociedade, e elas podem perfeitamente coexistir entre si. O sujeito inserido neste meio social complexo dificilmente estará fechado em apenas uma identidade, pensar assim seria reduzi-la a um fenômeno estático, quando na verdade ela é algo absolutamente flutuante.

Para Cuche (2002), é mais prudente pensar em processos de identificação do que propriamente numa identidade única, pois, como o sujeito está a todo tempo em contato com culturas diversas, ele está sempre em processo de recriação da sua identidade, às vezes até de maneira estratégica, conforme ele afirma quando diz que a identidade é vista como um meio para atingir um objetivo e que em função da avaliação de dada situação, o sujeito utiliza seus recursos de identidade de maneira estratégica. Nesta mesma perspectiva, Bauman (2005, p. 13) reitera esta ideia de identidade como processo quando afirma que “a identidade deve ser considerada um processo contínuo de redefinir-se e de inventar e reinventar sua própria história”.

É legítimo pensar a identidade como uma espécie de bricolagem, uma vez que o sujeito capta aspectos e características das mais diferentes culturas e se apropria disto formando um todo final com um resultado ímpar (CUCHE, 2002).

Assim, pensar em identidade é pressupor flexibilidade, mudança, escolha, liberdade, diferenciação, consciência, aproximação, desconstrução, reconstrução etc. como uma maneira de construção nas relações de trocas sociais. Desse modo, Bauman (2012, p. 17) contribui afirmando que

o pertencimento e a identidade não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o pertencimento quanto para a identidade.

É preciso, porém, ter a ciência de que cultura e identidade, embora sejam muito próximas, não possuem a mesma definição. Um aspecto que marca claramente a diferença destas é a questão do consciente/inconsciente, visto que, conforme analisa Cuche (2002, p. 176), “a cultura depende em grande parte de processos inconscientes, enquanto que a identidade remete a uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas”.

A identidade é intangível e ambivalente, por se afirmar na crise do multiculturalismo e ser tão complexa e transitória como é; “qualquer tentativa de solidificar o que se tornou líquido por meio de uma política de identidade levaria inevitavelmente o pensamento crítico a um beco sem saída” (BAUMAN, 2005, p. 12).

E, para finalizar, é preciso que se dê atenção à fala de Cuche (2002) quando este afirma que “[...] toda identificação é ao mesmo tempo diferenciação”; em outras palavras, é uma marcação de limites entre “eles” e “nós”, segundo as características do momento. Trata-se de uma fronteira social simbólica. Nesta mesma linha de raciocínio, Pollak (1992, p. 204) afirma que “a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade [...]”.

Considerando todos estes aspectos da identidade levantados por Cuche e Bauman, a grande questão, proposta por Cuche (2002, p. 202), é: “como, por que e por quem, em que momento e em que contexto é produzida, mantida ou questionada certa identidade particular?”.

3.2 Memória individual e coletiva

A memória, tanto individual como coletiva, é uma construção inteiramente social, construída coletivamente mesmo em suas manifestações mais individualizadas. A forma como os sujeitos se lembram e o conteúdo do que lembram é socialmente determinado. A construção, manutenção e atualização da memória social dependem estritamente da interação social (OLIVEIRA, 2012).

Ela é uma espécie de ligação presente-passado, visto que já passou e é sempre lembrada no tempo presente. Silva (2008) afirma que a memória não se reduz aos atos da lembrança e do esquecimento, que ela funciona como um dispositivo sócio-psíquico regulando lembranças, rotinas, padrões, dão sentido às ações, espaços onde essas ações aconteceram e aos objetos, se tornando assim parte intrínseca da auto compreensão do sujeito.

Complementando esta ideia, Pollak (1992) vem informar que a memória é constituída por alguns elementos essenciais para sua condição, que, a saber são os acontecimentos, as pessoas e os lugares.

Caminhando seguindo o raciocínio de Pollak (1992), os acontecimentos podem ser vividos pessoalmente ou por tabela; os por tabela são vividos pelo grupo em que o sujeito está inserido e que, no imaginário, tomam muita relevância, fazendo assim com que ele não saiba ao certo se participou ou não do fato. Estes casos são chamados de projeção, que é exatamente isso: o sujeito se identificar tão fortemente com determinado passado que aparenta ser uma memória herdada. Neste sentido, Halbwachs (2003) afirma que a memória pode ser construída não somente pela experiência como também pelo que é contado e assimilado, lido e aprendido.

Com as pessoas da memória acontece coisa parecida com o que ocorre quem os acontecimentos: tais pessoas podem realmente ter sido encontradas no decorrer da vida ou somente frequentadas por tabela, o que, assim, se transformam praticamente em conhecidas. Além dessas duas categorias, tem-se ainda os personagens que não pertenceram ao espaço-tempo do sujeito. (POLLAK, 1992). Complementando este elemento pessoas da memória, novamente Halbwachs (2003, p. 30) acompanha o pensamento, afirmando que

nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em quem somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem.

Finalmente, os lugares, dizem respeito aos lugares da memória, que se ligam intimamente a uma lembrança pessoal ou coletiva, ou aos lugares fora do espaço-tempo da vida de alguém, que constitui grande importância para a memória do grupo e consequentemente para o indivíduo nele inserido (POLLAK, 1992).

As projeções ou experiências por tabela as quais Pollak (1992) se refere, casam com uma descrição de Halbwachs (2003, p. 43) quando este, ao ilustrar uma lembrança muito antiga, afirma: “imagino o acontecimento, mas é provável que não seja uma lembrança direta, apenas

a lembrança da imagem que formei daquilo há muito tempo, na época das primeiras descrições que me fizeram do fato”.

Outro aspecto importante em relação à memória é que ela é seletiva. Nem tudo fica gravado, nem tudo fica registrado; sua organização se dá em função das preocupações pessoais e políticas, o que a define também como sendo um fenômeno construído, pois sofre flutuações em função do momento em que é articulada (POLLACK, 1992). Neste sentido de negociação da memória, ela, “quando enquadrada pela história, já é resultado (uma representação) de processos e lutas políticas e embates ideológicos e são muito comuns para selecionar os acontecimentos de serão gravados na ‘memória de um povo’” (OLIVEIRA, 2012, p. 25).

Além disso, dando continuidade às teorizações de Pollak (1992, p. 204), a memória se revela ainda como um elemento constituinte do sentimento de identidade, envolvendo o “[...] sentido da imagem de si, para si e para os outros [...]”, que é a imagem que a pessoa adquire no decorrer da vida em relação a ela mesma.

A forte ligação que se dá entre memória e identidade advém do fato de que, segundo Pollak (1992), existe um trabalho de manutenção da memória, que se dá em função de como um dado grupo está sendo visto, necessitando assim, ou não, de um trabalho de rearrumação da memória desse grupo, definindo – ou redefinindo – a identidade grupal.

3.3 Enunciados e linguagem

Ideologia, para o círculo de Bakhtin, é o universo dos produtos do espírito humano, ou seja, tudo aquilo imaterial ou de produção espiritual, bem como as formas de consciência social. Assim, ideologia é o universo que engloba a arte, a ciência, a filosofia, o direito, a religião, a ética, a política e inclusive o discurso.

Este discurso, de acordo com os pensadores do círculo de Bakhtin, é uma infinidade de enunciados que vão além das características meramente linguísticas e do diálogo propriamente dito; é um fenômeno que engloba, principalmente e antes de tudo, ideologias, signos, complexo de forças que nele atuam e condicionam a forma e as significações do que é dito, valores e avaliações que estão embutidas no sujeito, conforme pode ser ratificado por Faraco (2009, p. 47, grifo do autor), quando ele diz que

a significação dos enunciados tem sempre uma dimensão avaliativa, expressa sempre um posicionamento social valorativo. Desse modo, qualquer enunciado é, na concepção do Círculo, **sempre ideológico** – para eles, não existe enunciado não-

ideológico. E ideológico em dois sentidos: qualquer enunciado se dá nas esferas de uma das ideologias [...] e expressa sempre uma posição avaliativa.

Assim, pode-se dizer que não há enunciado neutro, muito pelo contrário, todo discurso possui um significado. E sendo o discurso um produto imaterial da ideologia, ele também passa a ser caracterizado de natureza semiótica (FARACO, 2009). A colaborar com esta perspectiva, Bakhtin (2006, p. 29) nos diz que tudo o que é ideológico é um signo e que “sem signos não existe ideologia”.

No universo dialógico do signo, Medvedev nos diz que

nós, os seres humanos, não temos relações diretas, não mediadas com a realidade. Todas as nossas relações com nossas condições de existência – com nosso ambiente natural e contextos sociais – só ocorrem **semioticamente mediadas**. [...] O real nunca nos é dado de forma direta, crua, em si. (FARACO, 2009, p. 49, grifo nosso).

Além de os signos refletirem o mundo, segundo os teóricos do círculo, eles também o refratam, isto é, alteram algo preestabelecido, seja a forma do objeto ou da palavra. Neste sentido, Voloshinov vem contribuir com esta teoria reiterando que “[...] nenhuma palavra reflete seu objeto de forma totalmente acurada, objetiva [...]” (FARACO, 2009, p. 71). A essas refrações do objeto, Bakhtin chama de vozes ou línguas sociais.

Ainda segundo Bakhtin (2009), é preciso se considerar a estratificação da linguagem tanto por suas marcas visíveis (geográficas, temporais e sociais) quanto pelos índices sociais de valor. A língua, além destas marcas, é também “diversificada pela experiência sócio-histórica dos grupos sociais” (FARACO, 2009, p. 57), ou seja, um conjunto indefinido de vozes sociais.

Tais vozes sociais se encontram e dialogam, e esta dialogização estabelece uma dinâmica interessante: “[...] elas vão se apoiar mutuamente, se interlumiarem, se contrapor parcial ou totalmente, se diluir em outras, se parodiar, se arremedar, polemizar velada ou explicitamente e assim por diante” (FARACO, 2009, p. 58). Além disso, o círculo de Bakhtin considera que as vozes sociais estão intrincadas numa cadeia de responsividade: os enunciados respondem e provocam respostas.

O Círculo de Bakhtin enfatiza ainda que, muito mais importante que o diálogo em si, são as forças sociais que nele atuam e as significações dos enunciados ali presentes. A isto ele chama de relações dialógicas ou dialogismo. Ratificando: este dialogismo não é apenas uma forma composicional do discurso, mas sim relações de sentido que se estabelecem entre enunciados, a partir da interação verbal (FARACO, 2009).

Assim, os enunciados estabelecem relações dialógicas a partir do momento que estão lado a lado, isto é, no mesmo sentido. “Mesmo enunciados separados, soltos no tempo e no espaço e que nada sabem um do outro, se confrontados no plano do sentido, revelarão relações dialógicas”(BAKHTIN, 2006, p. 124; FARACO, 2009, p. 65).

Para melhor compreensão do que são as relações dialógicas para o Círculo de Bakhtin, é preciso entender que

as relações dialógicas são, portanto, relações entre índices sociais de valor [...] e constituem parte inerente de todo enunciado, entendido não mais como a unidade da língua, mas como unidade da interação social; não como um complexo de relações entre palavras, mas como um complexo de relações entre pessoas socialmente organizadas. (FARACO, 2009, p. 66).

Nestas relações dialógicas, é preciso atentar ainda para o sujeito receptor do enunciado, pois, segundo as afirmações de Bakhtin, é preciso que a palavra ou o enunciado completo (que as vezes poder ser somente uma palavra mesmo) sejam percebidos como um signo de posição semântica, a voz de outro alguém. Neste sentido, mais uma consideração de Bakhtin vem asseverar o já dito, no momento em que ele diz que “ser significa se comunicar, significa ser um para o outro e, pelo outro, ser para si mesmo. [...] Eu não posso me arranjar sem um outro, eu não posso me tornar eu mesmo sem um outro; eu tenho que me encontrar num outro para encontrar um outro em mim”(FARACO, 2009, p. 76).

Bakhtin fala ainda de uma memória discursiva, que evoca-se no diálogo social, sendo basicamente a multidão de vozes interiorizadas em cada sujeito, vozes e palavras de outras várias pessoas pois, segundo o referido autor, “não tomamos nossas palavras do dicionário, mas dos lábios dos outros” (FARACO, 2009, p. 85). Assim, ele afirma que os enunciados são sempre discursos citados, mesmo que não sejam percebidos assim. As chamadas palavras que perderam as aspas.

Esta questão da palavra é algo muito explorado por Bakhtin (2006, p. 40) pois, para ele,

a palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. E a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais.

Ele considera que nos atos da fala é onde se encontram todas as formas e aspectos da criação ideológica, seja nas conversas de corredor, nas trocas de opiniões no teatro, em filas, ou seja, nas interações face a face de um modo geral. E aí ele atenta para uma questão bastante

relevante o sentido de que “cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na comunicação sócio-ideológica” (BAKHTIN, 2006, p. 42).

3.4 Movimentos sociais

Para Castells (2013) os movimentos sociais são as alavancas das mudanças sociais, que se originam da precariedade das condições de vida e que tornam insustentável a existência cotidiana para grande parcela da população. Segundo ele, os movimentos sociais são desencadeados por emoções, onde o gatilho é a raiva e o opressor é o medo:

a raiva aumenta com a percepção de uma ação injusta e com a identificação do agente por ela responsável. O medo desencadeia a ansiedade, associada à evitação do perigo. Ele é superado pelo compartilhamento e pela identificação com outros num processo de ação comunicativa. Então a raiva assume o controle, levando ao comportamento de assumir os riscos. (CASTELLS, 2013, p. 158).

Esta temática de movimentos sociais surge por volta de 1840 (SCHERER-WARREN, 1987), e tem o início de seus estudos na década de 20, quando começou-se a preocupação de entendimento sobre o comportamento dos grupos sociais (GOHN, 1997).

Grande parte de seus estudos específicos até 1960 abordavam as questões do movimento dos operários, mais acertadamente sobre as lutas sindicais. Muito embora somente a partir das décadas de 60, 70 ou 80 do século passado a temática dos movimentos sociais tenha se tornado mais relevante, tais movimentos são muito anteriores a estas décadas, com já mencionado anteriormente (GOHN, 1997).

As ciências sociais, nos anos 50 e 60, abordavam os movimentos no contexto das mudanças sociais como fontes de conflito e tensões, fomentadores de revoluções, revoltas e atos considerados anômalos no contexto dos comportamentos coletivos vigentes (HEBERLE, 1951 apud GOHN, 1997).

Numa perspectiva sociopsicológica, herdada da Escola de Chicago, formou-se uma tradição de se explicar o comportamento coletivo das massas por meio da análise das reações dos sujeitos, enquanto seres humanos com certas características biológicas e culturais. Neste entendimento, o sujeito era visto dentro de macroestruturas sociais, e a grande questão era sua inadaptação àquelas estruturas, gerando desajustes e conflitos. Os movimentos sociais nasciam neste universo e eram vistos como elementos disruptivos à ordem social vigente (GOHN, 1997).

Na teoria marxista, até os anos 60 do século XX o conceito de movimento social esteve associado ao de luta de classes, inclusive era subordinado ao próprio conceito de classe. Outro aspecto importante a se destacar é que o conceito era utilizado também em acepções amplas, envolvendo períodos históricos grandes; denominavam-se movimentos sociais as guerras, os movimentos nacionalistas, as ideologias radicais (nazismo, fascismo etc.), bem como as ideologias libertárias e religiosas (BERTRAND RUSSEL, 1960 apud GOHN, 1997).

Segundo Gohn (1997), o paradigma teórico mais amplo dos movimentos sociais era o de processos de mudança e de transformação social. Mais pra frente, no final dos anos 70 e durante toda a década de 80, os países de terceiro mundo vieram à tona no que se refere a movimentos sociais, novas problemáticas e novos cenários sociopolíticos, mulheres, crianças, índios, negros e pobres em geral se articularam com clérigos, intelectuais e políticos da esquerda para gerar ações coletivas que foram interpretadas, segundo Gohn (1985) como “força da periferia”, realizando, segundo Scherer-Warren e Krischke (1987) “uma revolução no cotidiano” (GOHN, 1997).

Nos anos 90, o tema se ampliou e passou a enfocar outras dimensões das ações coletivas, como os protestos sociais. No Brasil, as mudanças advindas com a globalização da economia e a institucionalização dos processos gerados no período da redemocratização levaram ao surgimento de um novo ciclo de movimentos e lutas, menos centrados na questão dos direitos e mais nos mecanismos de exclusão social e obstáculos à construção da democracia (GOHN, 1997).

Numa perspectiva mais contemporânea, já deste século, há a ampliação dos movimentos sociais que indica a existência de uma rede de movimentos sociais, que pressupõe

[...] a identificação de sujeitos coletivos em torno de valores, objetivos ou projetos em comum, os quais definem os atores ou situações sistêmicas antagônicas que devem ser combatidas e transformadas. Em outras palavras, o Movimento Social, em sentido mais amplo, se constitui em torno de uma identidade ou identificação, da definição de adversários ou opositores e de um projeto ou utopia. (SCHERER-WARREN, 2006, p. 113).

No sentido de redes ressalta-se a importância da comunicação nos movimentos sociais do século XXI, “onde as pessoas só podem desafiar a dominação conectando-se entre si, compartilhando a indignação, sentindo o companheirismo e construindo projetos alternativos para si próprios e para a sociedade como um todo” (CASTELLS, 2013, p. 166). Neste contexto a comunicação se dá em ampla escala e é denominada por ele de autocomunicação

de massa, baseada em redes horizontais de comunicação multidirecional, interativa e na internet.

Ele aponta para um padrão comum desses movimentos, desenvolvendo suas características semelhantes: são conectados em rede de múltiplas formas, apesar de se iniciarem na internet se tornam um movimento ao ocupar o espaço urbano, são simultaneamente locais e globais, são espontâneos em sua origem e geralmente desencadeados por uma centelha de indignação, são virais pelo caráter instantâneo de compartilhamento, passam da indignação à autonomia, não possuem liderança, criam companheirismo, possuem redes horizontais de liderança, são profundamente autorreflexivos, raramente são propragmáticos, são voltados para a mudança dos valores da sociedade e, por fim, são muito políticos num sentido fundamental (CASTELLS, 2013).

Nestas sociedades globalizadas, multiculturais e complexas, as identidades tendem a ser cada vez mais plurais e as lutas pela cidadania incluem, frequentemente, múltiplas dimensões, como de gênero, étnica, de classe, regional, e também dimensões de afinidades ou de opções políticas e de valores, como pela igualdade, pela paz, pelo ecologicamente correto, pelo respeito à diversidade e às diferenças culturais etc. (SCHERER-WARREN, 2006).

Todos os movimentos sociais, de uma forma ampla, revelam a marca de suas sociedades. Os movimentos sociais em rede, além disso, têm seus sujeitos convivendo muito bem com as tecnologias digitais, e seus estilos pertencem a cultura da autonomia, que caracteriza as novas gerações de um novo século (CASTELLS, 2013).

Os sujeitos desta nova forma de se movimentar socialmente são “os filhos de uma sociedade precária onde impera a desigualdade social e econômica, onde há perda de direitos sociais e políticos, exclusão de imigrantes etc.” (GOHN, 2013, p. 17). As manifestações atuais diferem das anteriores sim, por uma série de motivos, mas são consequências da estruturação política dos tempos passados que, juntamente com a globalização, produziu uma geração de excluídos.

No geral, as novas mobilizações têm como principal explicação o desencanto com a política, a indignação diante do cenário de corrupção, a falta de ética, o mau uso do dinheiro público e a falta de vontade política dos dirigentes (GOHN, 2013).

3.4.1 *Passeata dos Cem Mil e as marcas da memória*

Ocorrida em 26 de junho de 1968, a Passeata dos Cem Mil foi uma manifestação popular organizada por estudantes e intelectuais da época, como um posicionamento contra a ditadura militar e suas arbitrariedades instaladas no Brasil desde 1964, quando foi dado o golpe militar. É considerada a manifestação mais importante da resistência contra a ditadura.

Para Codato (2004, p. 11), esta passeata foi “a resposta da ‘sociedade civil’ ao aumento progressivo e aparentemente irresistível do poder das cúpulas militares sobre os recursos”.

Muitos foram os motivos que culminaram nesta passeata, citando, dentre eles, abusos do governo ditatorial, espancamento e prisões descabidas de estudantes e, principalmente, a morte de um deles, que funcionou como o estopim deste movimento social, conforme pode ser constatado por Codato (2004, p. 12):

um dos acontecimentos que inicia a crise desse subperíodo é a morte do estudante Edson Luís de Lima Souto, em 28 de abril num choque com a Polícia Militar durante uma manifestação estudantil no Rio de Janeiro. Esse episódio polariza uma onda de protestos que termina na Passeata dos Cem Mil dois meses depois.

Ainda sobre a morte do estudante Edson Luís, Vladimir Pereira relembra, em parte de seu depoimento, a emoção do enterro:

Uma primeira vítima mortal. Nós já tínhamos dito que um dia ia morrer estudante, saíamos que ia morrer. Havia uma fronteira da polícia, e até onde ela chegaria? Um dia chega a isso. Foi um clima de grande indignação. Esse era o clima predominante da Assembleia. Nós passamos a noite na Assembleia e, no dia seguinte, foram os momentos mais bonitos do enterro do Edson Luís, quando começaram a chegar aqueles colégios de padres e freiras, que eram colunas de padres e freiras, e os jovens secundaristas para visitar. Lançaram aquela palavra de ordem “Podia ser um filho seu”, que foi uma palavra de ordem notável, que também não foi uma liderança que criou. Aquilo foi uma criação coletiva. Fizeram uma faixa, o pessoal gritava, foi criando aquele tom. Aquela manifestação impressionante, popular. (ARAÚJO, 2007, p. 176).

Os discursos dos manifestantes eram, principalmente, por liberdade de expressão, fim da ditadura e possibilidade de ir e vir com segurança, sem repressão do governo, conforme pode ser afirmado por uma fala de Palmeira (2010, p. 1), quando ele declama “não à repressão, não à dominação estrangeira, não à exploração de um povo, não à miséria deste povo, não à morte deste povo. Os estudantes cumprem seu papel de denúncia da ditadura”.

Esta foi uma manifestação coordenada e liderada pelo povo, a parte de todo e qualquer partido, conforme pode ser constatado através de uma entrevista dada a Naddeo (2013, p. 1),

do site Terra, por Vladimir Palmeira, quando este afirma que “naquela época [1968] não tinha partido mesmo. Naquela época era a ditadura. A ditadura era muito forte”.

Um dos discursos mais inflamados da Passeata dos Cem Mil foi a frase “Abaixo a ditadura, o povo no poder”. Assim, a Passeata dos Cem Mil pode ser compactada no entendimento de Codato (2004, p. 6), quando ele afirma que

o ano de 1968 é, assim, uma data fundamental na evolução política do regime ditatorial-militar brasileiro. [...] A Passeata, em 26 de junho, no Rio de Janeiro, resume a disposição de vários setores sociais para confrontar o processo de militarização do Estado, a política econômica ‘recessiva’ e a restrição das ‘liberdades’”.

Enquanto síntese das vozes dos jovens e do movimento estudantil, as palavras de ordem desta passeata sinalizavam as reivindicações que associavam o exercício do poder como prerrogativa vontade popular num sentido oposto à estrutura política então vigente.

Neste sentido, pode-se considerar que tal manifestação ainda é referência na memória não somente do movimento estudantil como também da população de uma forma geral, que num processo de atualização dos sentidos trouxe para os dias atuais o sentido de contestação que moveu os estudantes nos idos de 1968.

3.4.2 Manifestações sociais brasileiras em 2013¹

As manifestações sociais ocorridas em grande parte do território nacional brasileiro em 2013 traduzem a grande insatisfação do povo brasileiro em relação as formas atuais de operação da democracia, que estão estremecidas pela corrupção e não apresentam canais entre o governo e a sociedade (CARVALHO, 2013 apud VASQUES, 2013). Neste sentido, Perlatto (2013, apud VASQUES, 2013, p. 26) afirma que

os políticos, uma vez eleitos, governam de maneira distante da população, sem estabelecer diálogo constante com os representados. O mesmo ocorre com os partidos políticos, que perderam os vínculos mais orgânicos com a população, sendo transformados em instituições burocráticas, distantes das demandas reais dos movimentos sociais e do cidadão comum.

Estes protestos tiveram como motivo inicial a luta pelas reduções das tarifas dos transportes públicos, conforme pode ser visto na figura 1.

¹Devido a atualidade dos fatos, ainda não há produção acadêmica que trate especificamente das manifestações populares brasileiras ocorridas em 2013, fazendo assim a necessidade de recorrência à notícias jornalísticas e televisivas para abordar esta questão, bem como revistas e páginas na internet.

Figura 1 – Contra o aumento das passagens.



Fonte: Agência Brasil, 2013.

A organização do movimento foi feita, principalmente, via internet, por meio de redes sociais e mecanismos diversos por alguns grupos que se destacaram no decorrer. Por conta disso o governo declarou publicamente que a internet seria monitorada pela Agência Brasileira de Inteligência, de modo a precaver os locais das manifestações a fim de preparar o aparato policial para agir.

Diversas capitais e principais cidades brasileiras participaram destas manifestações promovendo atos e passeatas em locais representativos, como prefeitura de suas cidades, Câmaras dos deputados, grandes espaços urbanos onde anteriormente já haviam sido palco de outros espetáculos deste tipo, como avenidas, Teatros Municipais ou Esplanada dos Ministérios, no caso de Brasília.

Os protestos brasileiros tiveram uma repercussão internacional muito forte – visto que o Brasil tem sido destaque por sediar eventos mundiais importantes, como a Copa das Confederações e a Jornada Mundial da Juventude, ambos em 2013, a Copa do Mundo, em 2014, e as Olimpíadas em 2016 –, ganhando adeptos em várias partes do mundo, que também saíram às ruas protestando em forma de apoio aos brasileiros, como, por exemplo, Londres, segundo a figura 2.

Figura2 – Apoio internacional às manifestações.



Fonte: Facebook Anonymous Rio, 2013.

Além do pedido de redução das tarifas dos transportes públicos, a população protestava também, entre outras coisas, contra a corrupção recorrente por parte dos representantes políticos; contra os gastos excessivos com eventos internacionais – neste caso, Copa do Mundo a ocorrer no Brasil em 2014 – em detrimento de investimentos necessários em saúde e educação precários; contestação à Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 37, que retiraria o poder de investigação aos parlamentares por parte do Ministério Público, indignação à proposta de “cura gay”, criada por religiosos fundamentalistas e posicionamento contra o Estatuto do Nascituro, onde previa-se que a mulher estuprada teria a obrigatoriedade de dar luz ao filho e pôr o nome do estuprador na certidão de nascimento da criança, além de receber uma ajuda de custo do governo chamada popularmente de “bolsa estupro”.

Em resposta à organização do protesto popular, as autoridades políticas, através das polícias civil e militar, agiram com forte repressão prendendo vários manifestantes. Muitas pessoas foram presas por portarem vinagre em suas bolsas, que era utilizado para amenizar os efeitos do gás lacrimogêneo e *sprays* de pimenta quando lançados contra os manifestantes.

Num segundo momento das manifestações, digamos assim, a população se organizou melhor formando o “Ocupa Câmara Rio”, conforme a figura 3, que era uma ocupação com barracas e medidas de moradia de pessoas que se estabeleceram em frente às câmaras municipais de suas cidades. É importante frisar que ocupar, ideologicamente, se distancia de invadir; a ocupação é entendida como direito de cidadania e que, portanto, configura-se como um direito do povo de exercer seus status de cidadão.

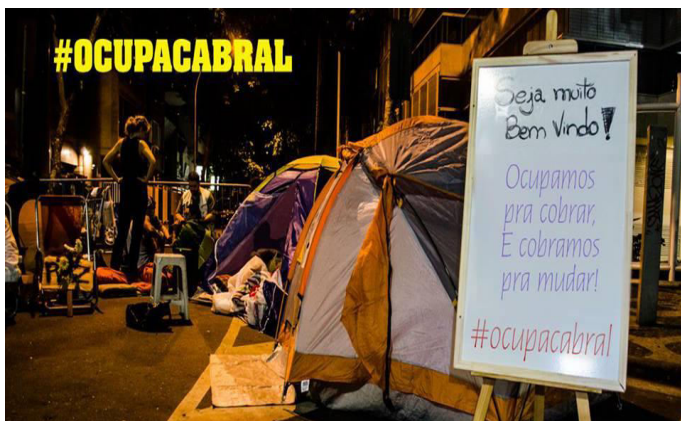
Figura3 – Ocupa Câmara Rio.



Fonte: Facebook Ocupa Câmara, 2013.

Em alguns lugares, como Rio de Janeiro e São Paulo, aconteceu ainda o “Ocupa Cabral” e o “Ocupa Alckimin”, respectivamente, onde pessoas se estabeleceram em frente à casa de seus governadores. Ambas as ocupações tinham o objetivo de fazer pressão contra certas medidas políticas e até mesmo pedir o impeachment dos referidos líderes políticos, conforme ilustrado na figura 4.

Figura4 – Ocupa Cabral.



Fonte: Facebook Ocupa Cabral, 2013.

Durante essas ocupações uma série de fatos aconteceram, desencadeando ainda mais a insatisfação do povo como por exemplo a medida legal de proibição do uso de máscaras nas manifestações. Isso, teoricamente, foi estabelecido com fins de combater a violência instalada nas manifestações. Em resposta a mais essa medida do governo, manifestantes reagiram de forma bem humorada promovendo um baile de máscaras, como pode ser visto na figura5, em frente às câmaras municipais, e até artistas divulgaram seu repúdio a tal medida.

Figura5 – Baile de máscaras.



Fonte: Facebook Anonymous Rio, 2013.

A máscara, além de defender os manifestantes do sufocante gás lacrimogêneo, representa também a ausência do ego no mascarado: ele é todos. Está ali não somente por ele, e traz em si um pouco de cada um. Assim, a máscara não é necessariamente o que esconde a realidade,

é também, em outras tradições, o que define o ser em sua perenidade, em sua imutável essência. Ela é **símbolo da identificação**, a ponto de nela se confundirem o ser e o parecer, a pessoa e a personagem, tal como no teatro grego. Não há mais oposição entre o verdadeiro e o falso, o autêntico e o artifício, o vivido e o representado. Não há mais apenas um ser congelado em momento de verdade [...] a máscara seria nosso ser presente, ela não dissimularia; ela nos designaria como sendo nossa imagem diante do outro [...]. (CHARAUDEAU, 2008, sem página, grifo nosso).

Outro fato marcante das manifestações foi a prisão dos administradores de páginas em redes sociais, como os Black Blocs, Anonymous e Mídia Ninja, que agiam sempre em apoio aos manifestantes. Estas pessoas foram presas sob a alegação de estarem agindo contra o Estado, organizando encontros via internet.

No interior das manifestações muitos resgates de memórias eram feitos, ideologias retomadas, filosofias revividas. Em alguns momentos as manifestações se subdividiram em pequenos grupos, como os que representavam partidos políticos, os que não queriam ser representados por nenhum partido, sindicalistas, Diretórios Acadêmicos etc., o que ocasionou brigas e desentendimentos internos. Os sujeitos faziam alusão a palavras como nacionalismo exagerado, fascismo, ufanismo, poder do povo, ditadura, democracia, entre outros, retomando nitidamente ideologias dos tempos passados e reinterpretando de maneira a afirmar as ações do presente.

A mídia televisiva, diante destas explosões informacionais, teve uma participação medíocre e tendenciosa, afirmando a todo o tempo informações falsas ou distorcidas acerca do que acontecia nos protestos, como, por exemplo, insistindo em informar sempre um número de pessoas participantes abaixo do que realmente existia e frisando “os atos de vandalismo que ocorreriam em momentos isolados”. Esta postura revoltou muitos manifestantes, conforme ilustrado nas figuras 6 e 7. Porém algumas outras fontes de veiculação da informação trabalharam para passar da forma mais real e fidedigna possível as informações, como a internet e a Mídia Ninja, especificamente.

Figura6 – Indignação contra a mídia.



Fonte: Facebook Ocupa Cabral, 2013.

Figura 7 – Indignação contra a mídia II.



Fonte: Facebook Anonymous Rio, 2013.

Diante do comportamento da mídia e da Polícia Militar, principalmente, os manifestantes incluíram na pauta de reivindicações posturas de repúdio e descontentamento a estas duas representatividades públicas.

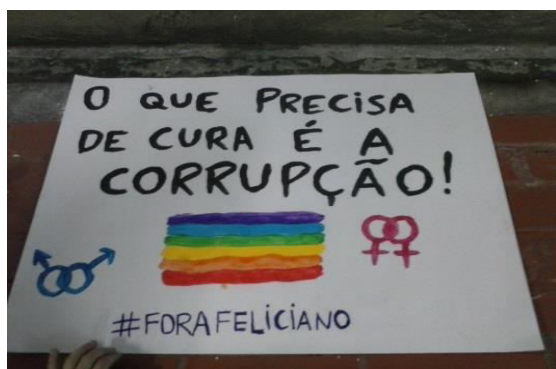
Não há dúvidas de que as manifestações já alcançaram alguns resultados, como o não aumento das passagens em muitos estados, a derrubada da PEC 37, o arquivamento da Cura gay, a aprovação da qualificação de hediondos os crimes contra a administração pública e a distribuição dos *royalties* do petróleo para a saúde e educação. Mais que isso: elas levantaram questões públicas importantes para o cidadão (MATTOS, 2013). Porém, o que há de mais certo, é que as manifestações reacenderam a utopia, no sentido exato da palavra, dentro de cada cidadão, e isso tem servido de combustível para a combustão.

4 ANÁLISES E RESULTADOS

Os enunciados estão no interior da corrente da comunicação social (VOLOSHINOV, 19? apud FARACO, 2009). A análise que aqui é feita é a análise das forças sociais que atuam no diálogo, suas dimensões valorativas e a dialogicidade consequente destes aspectos, de modo a evidenciar as possíveis relações com a memória e a identidade, tomando como ponto de partida a teoria de que todo discurso é revestido de uma ideologia.

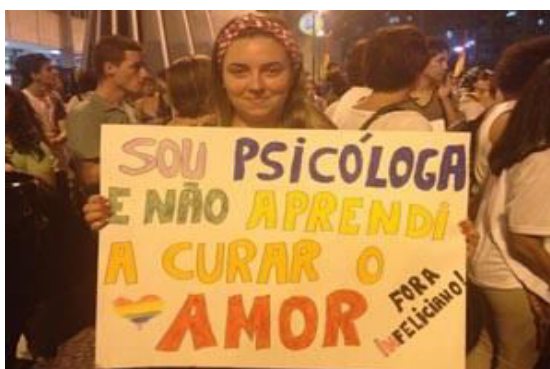
Assim, as figuras abaixo foram analisadas a partir destes conceitos.

Figura8 – Fora Feliciano.



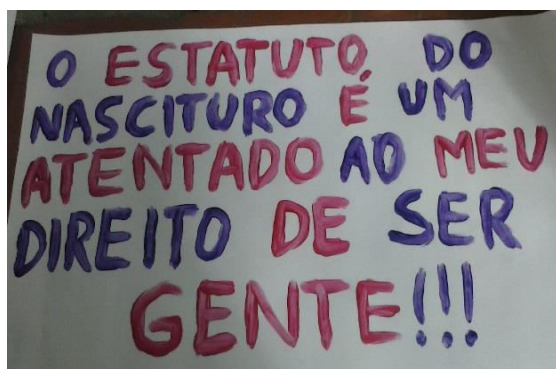
Fonte: Arquivo pessoal, 2013.

Figura9 – Não à cura gay.



Fonte: Blog Edilson Alencar, 2013.

Figura 10 – Abaixo ao estatuto do nascituro.



Fonte: Arquivo pessoal, 2013.

Figura11 – Não somos filhos, somos pais.



Fonte: Facebook Anonymous Rio, 2013.

A cura gay, figuras 8 e 9, e o Estatuto do Nascituro, figura 10, foram dois assuntos que estiveram muito em pauta no início das manifestações. A primeira previa, segundo os políticos religiosos encarregados pelo projeto de lei, que a homossexualidade passasse a ser tratada como doença, como algo passível de cura; e o segundo trazia a proposta de

obrigatoriedade de gestação e nascimento do bebê fruto de um estupro, assegurando uma ajuda de custo do governo e o nome do estuprador na certidão de nascimento.

Ser favorável ou contrário a uma ou outra proposta traz à tona a questão identitária do sujeito inserido neste contexto. Quando discursa-se “Fora Feliciano” ou “Abaixo ao estatuto do nascituro”, na verdade o que está sendo expresso é a dissemelhança (não-identidade) em relação a tal coisa. No momento em que o discurso se diz contra ao, por exemplo, estatuto do nascituro, está sendo marcada a diferenciação em relação às pessoas que são a favor, e estabelecendo identificação com os que também são contra. Aqui é retomada a afirmação de Cuche (2002) quando ele diz que toda identificação é ao mesmo tempo diferenciação. Os manifestantes, enquanto povo, não estão se sentindo representados.

O fato de se levantar duas ou mais bandeiras não significa contrariedade, inconsistência ou incoerência, como, por exemplo, defender o direito ao aborto e também apoiar a causa homossexual, reitera apenas a ideia de processos de identificação em detrimento de uma identidade única, conforme previu Cuche (2002).

Em relação à figura 11, pode-se notar a afirmação identitária pela negação no sentido de que somos os pais da próxima revolução e não os filhos, como está sendo dito. Há neste enunciado um rompimento com o passado, passado este que se nega e ao qual não se quer ter nenhum tipo de vínculo, e um apontamento para o futuro, onde se quer ter o controle da situação (somos os pais) e novas formas de fazer desvinculadas e diferentes de tudo o que já foi feito até agora. Estes filhos da democracia, que não se quer ser, remete a uma memória marcada dos tempos de conquista da democracia, do jovem gerado nestes tempos; mas esta geração de jovens, hoje, quer romper – e de fato o tem feito – com qualquer indício de passado, onde a população era completamente submissa e sem autonomia.

Esta questão da autonomia está muito fortemente presente no que tange a identidade, pois, conforme foi citado, a identidade é um processo contínuo de redefinir-se e de inventar e reinventar sua própria história (BAUMAN, 2005). E mais que isso, a identidade é ambivalente, tendo a liberdade necessária e suficiente de percorrer seus próprios mapas, traçar seus próprios caminhos, se enveredar por quaisquer ideais, tomar para si um ou outro aspecto mesmo que eles pareçam incoerentes entre si. É toda esta flexibilidade e desprendimento que caracteriza a identidade e que, cada qual em sua dosagem, está sendo expresso nas figuras 8, 9, 10 e 11.

Figura 12 – 1968 e 2013.



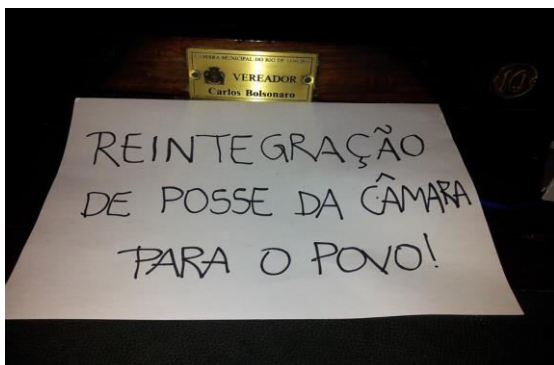
Fonte: Site Terra, 2013.

Figura 13 – O povo unido, sem partido.



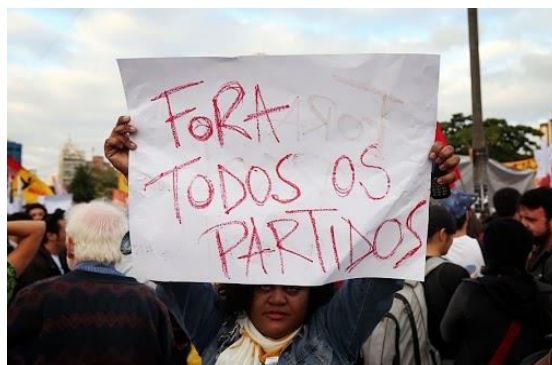
Fonte: Site G1, 2013.

Figura 14 – Poder para o povo.



Fonte: Facebook Ocupa câmara, 2013.

Figura 15 – Sem partido.



Fonte: Jornal O Estadão, 2013.

É inevitável, ao presenciar as manifestações brasileiras de 2013, não rememorar os acontecimentos de 1968, que marcaram o país assim como agora. Embora os momentos históricos sejam diferentes, o cenário das ruas e os protagonistas são similares. Para Pollak (1992), este cenário evidencia os elementos constitutivos da memória, sendo o momento histórico o acontecimento, o cenário das ruas o lugar e os protagonistas (os manifestantes) as pessoas.

Ao se apropriar dos mesmos discursos de outrora, em contextos diferentes, faz-se uma transformação, uma atualização da memória. Mesmo que não se tenha participado da Passeata dos Cem Mil, em 1968, considera-se memória, uma memória vivida por tabela, ou seja, tal memória adquire tanta relevância em determinado momento que instantaneamente desperta quando é visto, presenciado ou vivido algo semelhante.

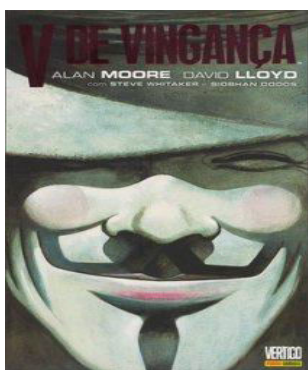
A figura 12 aponta para um deslocamento e atualização de sentido, uma vez que traz o espírito e memória de 1968 para as manifestações atuais de 2013, passando um entendimento de que

dois casos absolutamente importantes na história do Brasil podem se encontrar e dialogar mesmo que em tempos e contextos diferentes.

A questão do apartidarismo expressos nas figuras 13 e 15 diz respeito a reapropriação de conceitos cuidadosamente selecionados e, por isso, reconstruídos, para reforçar e reafirmar posições políticas e ideológicas com enunciados que ilustram o caráter seletivo da memória, onde sua organização se dá em função das preocupações pessoais e/ou políticas.

A ideologia expressa na figura 14 refere-se a uma busca por emancipação, deixando de ser parte integrante da ideologia dominada e ansiando participar da ideologia dominante, os que fazem as regras, que possuem autonomia, e que, principalmente, deixam de ser massacradamente dominados.

Figura 16 – V de Vingança.



Fonte: Blog Biblioteca Fábio Luz, 2013.

Figura 17 – V de vinagre.



Fonte: Blog Tem Preguiça Não, 2013.

Figura 18 – Drummond manifestante.



Fonte: Site Correio Popular, 2013.

Figura 19 – Caetano Black Bloc.



Fonte: Folha Uol, 2013.

Fez-se notar nas manifestações a presença de pessoas mascaradas. Mas não uma máscara qualquer, completamente aleatória. Máscaras dotadas de material ideológico, como no caso

dos Black Blocs, e também de significado, como a máscara do Guy Fawkes, adotada mais abertamente pelo grupo Anonymous.

A figura 16 é a capa de um quadrinho chamado V de Vingança, que é inspirada em uma personagem real que viveu no século XVI, conhecido como Guy Fawkes, e que é um símbolo bastante adotado pelas manifestações atuais. Percebe-se então que são três cenários diferentes, separadas pelo tempo e pelo espaço, mas que dialogam entre si criando todo um deslocamento e atualização de sentidos: O Guy Fawkes, o quadrinho V de vingança (mais conhecido posteriormente pelo filme homônimo) e o uso da máscara deste personagem.

Guy Fawkes foi um soldado católico que viveu na Inglaterra em meados do século XVI e que era completamente insatisfeito com o rumo que seu país havia tomado. A começar pela perseguição aos católicos, pois o rei tratava com diferenças eles e os protestantes, causando assim uma insatisfação geral entre os católicos; além disso, havia revolta também contra a corrupção, o aumento excessivo dos impostos e abusos de poder por parte do rei. Tendo a situação extrapolado o limite tolerável e o povo se mostrando apático e deprimido, Fawkes juntou-se com mais duas pessoas e criou o plano de explodir o parlamento inglês. Este, porém, não deu certo por que ele foi delatado por um membro de sua própria comunidade religiosa, sendo depois capturado e morto. No entanto destruir um ideal é uma tarefa muito árdua. Séculos mais tarde, diante dos repetitivos casos de corrupção, Fawkes começou a renascer juntamente com seu ideal de liberdade e luta contra a opressão, e deste contexto surgiu o quadrinho V de Vingança, de Allan Moore.

Revestidos deste caráter ideológico, histórico e significativo, a imagem da máscara foi utilizada ainda para fazer menção ao vinagre, conforme a figura 18, que era utilizado para amenizar a respiração do gás lacrimogênio lançado contra os manifestantes. A expressão “V de vinagre”, juntamente com a máscara de Guy Fawkes, remete ao “V de Vingança”, que desloca todo o significado de luta contra a opressão, de levante contra o governo e de poder do povo para os dias atuais. Assim, podemos dizer que há uma dialogicidade entre as imagens 17 e 18, que possuem o mesmo significado mesmo em tempos e espaços tão distantes e distintos.

As figuras 18 e 19 também possuem caráter dialógico, uma vez que se utilizam de significados subjetivos expressos em cada detalhe, enunciando assim muito mais do que aparentam ou do que está escrito. No momento que vestem o Carlos Drummond de Andrade de manifestante com a máscara de Guy Fawkes, o cubram com a bandeira do Brasil e o

colocam com um cartaz contra a PEC 37, pressupõe-se a interpretação e a ressignificação do ponto de vista da memória social, a partir da vinculação simbólica do conteúdo atual com aquele expresso por um monumento, que reitera a memória de Drummond: um ator social com reconhecido valor atribuído por uma sociedade. Tal vinculação atribui um novo significado ao movimento e às intenções dos manifestantes. Tendo tudo isto em mente, pode-se considerar a estátua de Drummond um copartícipe das manifestações.

Com a figura 19 acontece algo semelhante, considerando-se que o ator social / artista Caetano Velloso se enquadra nos mesmos pontos que Drummond, porém com um adicional. Ele era o jovem de hoje em 1968. Caetano vestir-se da mesma maneira que se vestem os Black Blocs vai muito além da imagem de um homem com uma camisa amarrada na cabeça. Esta simples figura de um homem com uma camisa preta amarrada na cabeça nada tem a ver com as manifestações se não estiver revestida de significados e memória; mas a partir do momento em que a figura dialoga com o sujeito receptor e seu enunciado é decifrado, onde relações de sentido se estabelecem entre os enunciados e acontece a interação verbal, a figura se caracteriza dialógica.

Figura 20 – Mudando o Brasil.



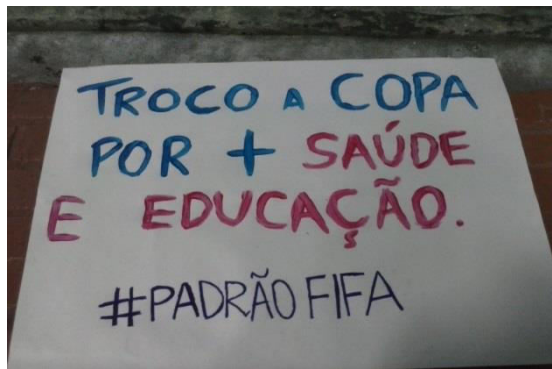
Fonte: Desconhecida

Figura 22 – Escolas em troca do Maracanã.



Fonte: Site G1, 2013.

Figura 21 – Mais saúde e educação.



Fonte: Arquivo pessoal, 2013.

Figura 23 – Hospitais padrão FIFA.



Fonte: Blog Livre voz do Povo, 2013.

A figura 20, do modo como está enunciado e ilustrado, remete a uma inversão de papéis. O enunciado ‘Desculpe o transtorno’ é característico do governo, que detém o controle sobre a população e sobre as intervenções que são feitas nos cotidianos dos mesmos. Esta figura, para além de seu enunciado cru, dialoga com as questões expressas nas imagens 22, 22 e 23, onde se enuncia contrariedade e indignação contra as intervenções feitas pelo governo em favor de obras para os mega eventos que estão para acontecer na cidade do Rio de Janeiro e, portanto, modificando drasticamente a vida cotidiana dos cidadãos. As obras para a Copa do Mundo e os milhões e bilhões gastos nela foram alvos de muitas críticas nas manifestações, já que a enorme quantidade de dinheiro investido nessas construções monumentais foram em detrimento de saúde e educação, de uma maneira geral.

Este enunciado, mais ainda, representa a tomada de poder de decisão para o povo, já que, de certa forma, estar nas ruas era algo que o governo não poderia controlar, e fala da autonomia que os manifestantes tanto pedem, como ‘poder popular’ ou ‘o povo no poder’.

Figura 24 – Onde está Amarildo?



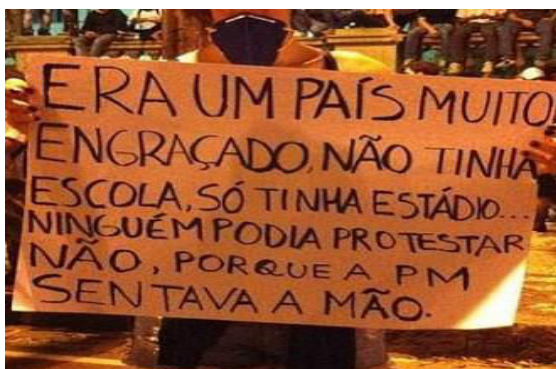
Fonte: Site Terra

Figura 25 – Estudante Edson morto.



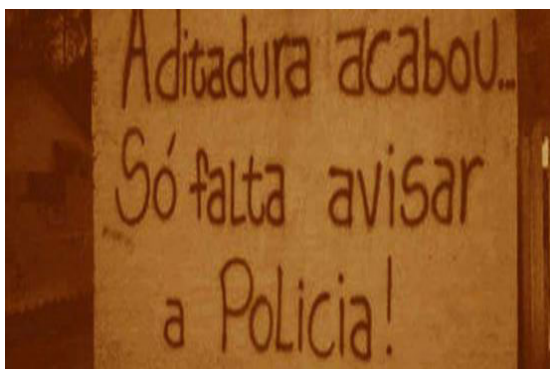
Fonte: Blog Jader Resende

Figura 26 – Repressão da PM.



Fonte: Facebook Anonymous, 2013.

Figura 27 – Repressão da PM II.



Fonte: Facebook Black Blocs RJ, 2013.

Mesmo com a sociedade balançada pelas manifestações a vida corria, aparentemente, de maneira normal. As pessoas continuaram levantando cedo pra trabalhar, os estudantes continuaram indo às aulas. Só que a vida não estava tão normal assim. Um fato que aconteceu e que ganhou muita visibilidade, tendo tomado uma proporção surpreendente, foi a morte do pedreiro Amarildo de Souza, morador da comunidade da Rocinha, pela Polícia Militar do Rio de Janeiro (PMERJ). Se este fato acontecesse em dias normais seria apenas mais um ato de crueldade da PMERJ; porém, como aconteceu no seio das manifestações, ela foi assimilada pelos manifestantes que incluíram mais esta causa na pauta de reivindicações, ou seja, a desmilitarização da PM.

Embora Amarildo, (expresso na faixa da figura 24), não tenha pertencido exatamente as manifestações, ele foi uma vítima da PM assim como foi o estudante Edson, (faixa expressa na figura 25), também morto pela PM durante as manifestações de 1968. Estes dois acontecimentos que num primeiro momento nada tem a ver um com o outro, que estão em tempos e espaço absolutamente diferentes, dialogam entre si, significando o mesmo enunciado: os excessos da Polícia Militar do Rio de Janeiro. Foram acontecimentos ocorridos no contexto das manifestações que foram simbologizados e utilizados como signos por parte dos manifestantes, um em 1968 e outro em 2013, com as mesmas funções. A faixa ‘Onde está Amarildo?’ retoma e atualiza uma memória discursiva / enunciativa da faixa ‘Edson sepultado’: a repressão policial do Estado brasileiro diante dos setores populares da sociedade.

Pode-se notar com as figuras 26 e 27 como esta questão da violência da PMERJ entrou em pauta, não apenas apoiada e reforçada pela morte de Amarildo como também pelos próprios atos contra os manifestantes.

A figura 26 traz outras questões que já foram mencionadas aqui, além dos excessos da PM, como os gastos excessivos com a Copa do Mundo e a falta de investimento em necessidades básicas como saúde e educação. Já a figura 27 ilustra uma seletividade da memória, destacando que o comportamento da Polícia Militar de hoje se assemelha aos tempos de ditadura, apenas com o detalhe de que a sociedade de 2013 não vive numa ditadura. Pelo menos não escancaradamente. Outra menção a ditadura foram as palavras de ordem muito presentes nas manifestações, “A verdade é dura, a Rede Globo apoiou a ditadura”, que também se valeu de significados deslocados de 68 e atualizados em 2013.

Assim as figuras 24, 25, 26 e 27 não apenas se apoiam e se completam como também estabelecem relações dialógicas e de deslocamento e atualização de memórias marcadas no

consciente de um povo, que são reavivadas tão logo a pessoa se depare com algum fato ou acontecimento semelhante.

Figura 28 – Fora Cabral, poder popular.



Fonte: Desconhecida.

Figura 29 – Abaixo a ditadura, o povo no poder.



Fonte: Evandro Teixeira, 1968.

Para finalizar as análises, estas duas imagens, que são misturas de dialogicidade e memória discursiva.

A figura 28, ‘Fora Cabral, poder popular’ possui um enunciado que, se ativado pela rede de memórias e feita a ligação com o enunciado da figura 29, ‘Abaixo a ditadura, o povo no poder’, pode-se dizer que uma perfeita relação dialógica e mnemônica está sendo feita.

Bakhtin (2006) afirma, como já dito, que não nos valem as palavras do dicionário, mas sim dos lábios das pessoas, e que, desta maneira, os enunciados são sempre discursos citados. O que não deixa de acontecer entre as duas imagens acima.

Para entender os enunciados é preciso antes informar que várias menções, em diversos momentos, foram feitas durante as manifestações ao governador Sérgio Cabral como ditador, muito embora isto não seja efetivamente caracterizado. Visto isso, pode-se entender que onde lê-se o enunciado ‘Abaixo a ditadura’, atualizando e reinterpretando pela memória, poderá ler-se ‘Fora Cabral’, e da mesma maneira ‘poder popular’ e ‘o povo no poder’.

A partir destas reinterpretações, novos sentidos e significados foram feitos mesmo tendo surgido de um mesmo acontecimento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou investigar as manifestações sociais brasileiras, tendo analisado as imagens produzidas durante as mesmas e observado os possíveis processos identitários e redes de memória que ocorreram nos diversos atos e passeatas.

A partir das análises e dos resultados, pode-se observar que os sujeitos participantes das manifestações se valem inúmeras vezes dos elementos e atributos da memória de forma a validar seus discursos, apoiando-os em discursos anteriores, já que, como Bakhtin (2006) bem afirmou, quando disparamos um enunciado não nos utilizamos das palavras do dicionário e sim dos lábios das outras pessoas. Sendo assim, na verdade nos valemos da memória discursiva, seja ela vivida verdadeiramente ou por tabela. Pode-se perceber, ainda, que as relações entre memória social e identidade coletiva são constantemente vivenciadas, atualizadas e modificadas na / e pela linguagem. Por serem ideológicos, os enunciados e discursos estão inseridos em contextos socio-históricos que lhes atribuem significados específicos.

Verificou-se também que as relações dialógicas somente se dão quando há, por parte do receptor do enunciado, uma rede de memórias prontas a entrarem em cena a partir da vivência de situações semelhantes àquelas guardadas em sua memória individual. Esta, necessariamente, precisa ter sido produzida coletivamente, pois tanto o locutor do enunciado quanto o receptor precisam estar afinados quanto aos sentidos e as forças sociais expressos em tal enunciado.

A ideologia do movimento esteve presente em cada enunciado, em cada figura, em cada depoimento. Uma ideologia massacrada, dominada pelos padrões dominantes, que tem lutado com tanto vigor em busca de sua emancipação diante daqueles que os oprimem e tiram a dignidade e o frescor da vida. Ideologia esta que se alastrou e deu força às manifestações, não deixando com que a luta minguasse.

No interior das manifestações sociais os sujeitos vivem a todo o tempo com suas identidades em xeque; eles passam por processos de abandono da identidade, retomada de outras, construção de novas, e convivem com estas questões a flor da pele, procurando se valer estrategicamente delas, em sentidos de afirmações ou negações identitárias.

A partir deste contexto os jovens, mais uma vez protagonistas de uma ruptura do mesmo e da mudança social, puderam enterder as forças sociais embutidas em cada identidade, tornando

assim mais fácil o estabelecimento - mesmo que temporário, por que a identidade tem dessas coisas, ela tem um caráter absolutamente flutuante e livre para idas e vindas - e identificações com certos posicionamentos. Com a construção de suas identidades.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. **Memórias estudantis, 1937-2007**: da fundação da UNE aos nossos dias. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fundação Roberto Marinho, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso *versus* análise de conteúdo. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 679-684.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. São Paulo: Contexto, 2008.
- CUCHE, Denis. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2. ed. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- DUARTE, Andre de Macedo. Foucault e as novas figuras da biopolítica: o fascismo contemporâneo. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo. **Para uma vida não fascista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 35-50.
- FARACO, Carlos Alberto. Criação ideológica e dialogismo. In: _____. **Linguagem e diálogo**: ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. Cap. 2, p. 45-97. Coleção Linguagem.
- GOHN, Maria da Glória. **Sociologia dos movimentos sociais**. São Paulo: Cortez, 2013.
- _____. **Teoria dos movimentos sociais**: paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Edições Loyola, 1997.
- GOMES, Marcelo. Justiça do Rio obriga mascarados em protestos a se identificarem. **Estadão**, São Paulo, 03 set. 2013. Notícias Brasil. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,justica-do-rio-obriga-mascarados-em-protestos-a-se-identificarem,1070848,0.htm>>. Acesso em: 25 set. 2013.
- GRELLET, Fábio. Manifestantes ocupam Câmara e Assembleia do Rio. **Estadão**, São Paulo, 08 ago. 2013. Notícias. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,manifestantes-ocupam-camara-e-assembleia-do-rio,1062058,0.htm>>. Acesso em: 25 set. 2013.
- GUY Fawkes, Conspiração da Pólvora, V de Vingança e Anonymous. **Ah Duvido Blog**, [s.l.], 2013. Curiosidades. Disponível em: <<http://ahduvido.com.br/guy-fawkes-conspiracao-da-polvora-v-de-vinganca-e-anonymous>>. Acesso em: 25 set. 2013.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.
- HUNGRIA, Julio. Todos de máscaras num baile logo mais na Cinelândia contra proibição do uso em protestos. **Blue bus**, [s.l.], 03 set. 2013. Disponível em: <<http://www.bluebus.com.br/mascaras-num-baile-cinelandia-proibicao-protestos/>>. Acesso em: 25 set. 2013.

LUZ, Fábio. V de Vingança. **Biblioteca Social Fábio Luz**, Rio de Janeiro, ago. 2013. Disponível em: <<http://bibliotecasocialfabioluz.wordpress.com/acervo-digital/literatura-libertaria/v-de-vinganca/>>. Acesso em: 25 set. 2013.

MACEDO, Joyce. Anonymous protesta contra proibição de máscaras em protestos e tira sites do ar. **Canal Tech**, São Bernardo do Campo, 04. Set. 2013. Hacker. Disponível em: <<http://canaltech.com.br/noticia/hacker/Anonymous-divulga-dados-pessoais-de-servidores-da-Assembleia-Legislativa-do-Rio/>>. Acesso em: 25 set. 2013.

MARTINS, Paulo Henrique. Guy Fawkes: homens que você deveria conhecer #40. **Papo de Homem**, [s.l.], 28 jun. 2013. Acesso em: 25 set. 2013.

MATTOS, Sérgio. O grito das ruas. **Sociologia**, São Paulo, a. 4, n. 48, p. 58-61, 2013.

NADDEO, André. Líder da Passeata dos Cem Mil: 'protestos precisam de pauta e coordenação'. **Terra**, São Paulo, 19 jun. 2013. Seção Política. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/politica/lider-da-passeata-dos-cem-mil-protestos-precisam-de-pauta-e-coordenacao,73ff07ad7cd5f310VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 20 jul. 2013.

OLIVEIRA, Antonio Jose Barbosa de. Multiplicidade de sentidos para a construção de um conceito em memória social. In: PINTO, Diana Farias; FARIAS, Francisco R. de. **Novos apontamentos em memória social**. Rio de Janeiro: 7 Letras; Unirio, 2012. p. 23-36.

PALMEIRA, Vladimir. **A grande passeata**, [s.l.], [2010?]. Disponível em: <http://www.vladimirpalmeira.com.br/ano1968_4.html>. Acesso em: 20 jul. 2013.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

SCHERER-WARREN, Ilse. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 21, n. 1, p. 109-130, 2006.

SILVA, Veruska Anacirema S. da. Memória e afetividade: a importância das emoções nas trajetórias sociais. **Revista OPSIS**, Goiás, v. 8, n. 11, p. 59-76, 2008. Disponível em: <<http://revistas.ufg.br/index.php/Opsis/article/view/9354/6446#.UfGPsdLVA1w>>. Acesso em: 20 jul. 2013.

SCHWEITZER, Jorge. PM intervém no 'Baile da Máscaras' na Cinelândia RJ. **Táxi em movimento**, Rio de Janeiro, 04 set. 2013. Disponível em: <<http://taxiemp movimento.blogspot.com.br/2013/09/pm-intervem-no-baile-da-mascaras-na.html>>. Acesso em: 25 set. 2013.

TERENCE, Ana Cláudia Fernandes; ESCRIVÃO FILHO, Edmundo. Abordagem quantitativa, qualitativa e a utilização da pesquisa-ações estudos organizacionais. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 26., 2006, Fortaleza. **Anais eletrônicos...** Fortaleza: ABEPRO, 2006. Disponível em: <http://www.abepro.org.br/biblioteca/ENEGERP2006_TR540368_8017.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2013.

TRUFFI, Renan. Decisões judiciais lançam ofensiva contra 'mascarados' antes do 7 de Setembro. **Último segundo**, [s.l.], 06 set. 2013. Brasil. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2013-09-06/decisoes-judiciais-lancam-ofensiva-contra-mascarados-antes-do-7-de-setembro.html>>. Acesso em: 25 set. 2013.

VASQUES, Lucas. O despertar, em junho. **Sociologia**, São Paulo, a. 4, n. 48, p. 20-27, 2013.

WHITE, Leslie. A base da cultura: o símbolo. In: _____. **O conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009. p. 9-22.

WIKIPEDIA: a enciclopédia livre. **Protestos no Brasil em 2013**. [S.l.], 2013. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Protestos_no_Brasil_em_2013>. Acesso em: 20 jul. 2013.